

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TUTTO FELLINI!
A Cinemateca com a 13ª Festa do Cinema Italiano
2 e 6 de novembro de 2020

LO SCEICCO BIANCO / 1952 (*O Sheik Branco*)

um filme de **Federico Fellini**

Realização: Federico Fellini / **Argumento:** Federico Fellini, Tullio Pinelli, com a colaboração de Ennio Flaiano, segundo uma história de Michelangelo Antonioni, Federico Fellini e Tullio Pinelli / **Fotografia:** Arturo Gallea / **Cenários:** Raffaello Tolfo / **Som:** Armando Grilli, Walfredo Traversari / **Montagem:** Rolando Benedetti / **Música:** Nino Rota / **Intérpretes:** Alberto Sordi (o sheik branco), Brunella Bovo (Wanda), Leopoldo Trieste (Ivan), Giulietta Masina (Cabiria), Ernesto Almirante, Fanny Marchio, Jole Silvani, Anna Primula, Lilia Landi.

Produção: Luigi Rovere, para P.D.C.-O.F.I. / **Cópia:** 35mm, preto e branco, legendada em espanhol e electronicamente em português, 88 minutos / **Estreia em Portugal:** Eden, em 16 de Maio de 1958.

Este é o trabalho que é considerado nas filmografias como o primeiro filme de que Fellini é inteiramente responsável. Curiosamente está, excepto nalgumas sequências, mais afastado do que constitui o universo do autor, do que o filme que fez em colaboração com Lattuada, **Luci del Varietà**. Mesmo no grotesco as personagens de Fellini despertam a ternura, mesmo na sua mediocridade e egoísmo há neles lampejos e gestos que, de súbito os iluminam e transcendem. Mesmo no seu filme mais desesperado, **Il Bidone**, a miséria moral do grupo de vigaristas resulta de uma solidão total. **Lo Sceicco Bianco** é um filme mais cínico e distante dos seus personagens, excepto numa sequência no fim a que voltaremos, mais próximo do mundo de Antonioni do que de Fellini.

Não se nota, da parte de Fellini, um elemento que é fundamental na sua obra: a compreensão e a ternura pelas suas personagens. Na sua maioria as figuras de **Lo Sceicco Bianco** não são patéticas no seu grotesco, são ridículas e caricatas, surgindo Fellini, de forma pouco habitual, de forma crítica e distanciada como que querendo afastar de si um universo que detesta, numa operação de exorcismo. Fellini andou paredes meias com os *fumetti* (a banda desenhada), sem nada a ver com o mundo medíocre e alienante que **Lo Sceicco Bianco** descreve: o das foto-novelas antepassadas das tele-novelas de hoje, cujos efeitos, a níveis diferentes, são os mesmos. Se existem personagens anti-fellinianas na obra do realizador, são indubitavelmente este homem e esta mulher que chegam a Roma, ele procurando influências para a sua carreira burocrática, ela procurando as figuras que alimentam os seus devaneios. E isso explica, como afirma Pierre Leprohon na sua obra sobre o cinema italiano, porque Fellini não deu a Giulietta Masina o papel de Wanda. Esta mulher alienada não tem a simpatia de Fellini, que vai toda para a sua inspiradora, na belíssima

sequência em que ela aparece no final, já como Cabiria, a prostituta que consola o pobre marido abandonado, numa das mais fellinianas sequências que ele fez. Repare-se também nas figuras de Alberto Sordi e de Leopoldo Trieste.

Dir-se-ia que Fellini se diverte à custa delas, mais do que manifestar-lhes a sua simpatia. Compare-se as suas personagens (o actor ridículo e oportunista e o pobre diabo burocrata) com os que farão imediatamente a seguir em **I Vitelloni**. A diferença é abissal porque neste há uma profunda identificação do realizador com eles. A caricatura de **Lo Sceicco Bianco** torna-se grotesca (não num sentido felliniano) em duas sequências que têm por centro os personagens masculinos: Sordi procurando seduzir Wanda no barco, com as pancadas do mastro, e, principalmente, a sequência de Ivan (Leopoldo Trieste) na esquadra onde procura, atabalhoadamente expor o seu caso aos agentes, onde o embaraço de um e os subentendidos dos outros são mais dignos de uma comédia picante de Dino Risi.

Mas falei noutra sequência felliniana neste filme, que se destaca, de maneira fulgurante do seu conjunto: a entrada em cena do Sheik Branco. Wanda, confusa e deslumbrada é praticamente arrastada para o local de trabalho do grupo de comediantes a vários quilómetros de Roma, nas areias de uma praia. Ao dar-se conta da distância a que está do hotel onde o marido se encontra, procura regressar e perde-se no mato. De repente, uma melodia chega-se aos ouvidos vinda do alto, como do céu. A câmara acompanha o seu olhar deslumbrado e um enquadramento revela Sordi vestido de sheik num baloiço a grande altura, como uma figura alada, o sonho que se materializa aos olhos de Wanda. A insustentável leveza do ser (com licença de Kundera) que se prolonga por tantos outros filmes de Fellini, onde o baloiço surge com frequência como ponte entre o sonho e a realidade.

Lo Sceicco Bianco começa onde acaba **Luci del Varietà**, num comboio de ilusões. E termina da mesma forma, levando de volta os seus personagens que, no fim de contas, pouco terão ganho com a experiência. A mulher continuará a alimentar outras ilusões (e será talvez uma futura amante de um dos **Vitelloni**). O marido remeter-se-á à sua vida arrumada tendo a experiência apenas como um sonho mau, para esquecer. Fellini irá, também, esquecer definitivamente este mundo. A sua obra começa efectivamente quando Moraldo deixa a terra natal sem olhar para trás em **I Vitelloni**.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico